



## **Especificidades Discursivas e Efeitos de Sentido no Gênero Textual *Reportagem de Capa***

Discursive Specificities and Meaning Effects in the Textual Genre *Cover Story*

Cleonice Men da Silva Ramos  
USP – Universidade de São Paulo

**Resumo:** Sob o olhar analítico da teoria Semiótica de linha francesa, o texto constituinte da revista *EXAME*, materialização de gênero textual *reportagem de capa*, traz especificidades inerentes ao gênero, o que engendra efeitos de sentido. Consideram-se, desse gênero textual veiculado em revista impressa da esfera de negócios, temas e figuras recorrentes e procede-se à abstração das invariantes: tudo para depreender e ver consolidados efeitos de sentido em um modo previsível de dizer, em uma homogeneidade temático-figurativa.

Palavras-chave: reportagem de capa; gênero textual; revista impressa; efeitos de sentido; análise semiótica.

**Abstract:** Considering the analytical view of the French Semiotic theory, *EXAME*'s constituent text *cover story* – the materialization of textual genre –, bears inherent peculiarities with particular mechanisms that engender meaning effects. In this way, taking into consideration the recurrences of themes and figures of this same genre are the invariant abstractions captured: the whole to make the meaning effects from this text/discourse emerge and consolidate in a predictable way of saying, in a thematic-figurative homogeneity.

**Keywords:** *cover story; textual genre; printed magazine; meaning effects; semiotic analysis.*

### **1. Introdução**

Este artigo objetiva, pela direção dada à construção de sentido, examinar e descrever o texto constituinte *reportagem de capa*, materializado gênero textual e inserido na revista *EXAME*.

Serão consideradas, nas análises, as reportagens de capa das edições da revista *EXAME* de n. 734 (21/02/2001), 764 (17/04/2002) e 805 (12/11/2003). Estampamos, a seguir, a imagem da capa de uma das edições citadas, a de n. 734, de 21 de fevereiro de 2001.



Fig. 1  
Capa ed. 734, de 21/02/2001

Cada texto constituinte *reportagem de capa*, tomado como englobado, é dado como unidade integral, um *unus*, que remete ao *totus*, quando assim recortado para análise.

Uma única edição da revista *EXAME*, da Editora Abril, é, a justo título, considerada texto integral englobante, grandeza inteira, formada por textos constituintes englobados, materializados gêneros textuais: *capa*, *reportagem de capa*, *sumário*, *crônica*, *anúncios publicitários*, entre outros. Veículo da mídia impressa, cada edição da revista, igualmente considerada uma parte que remete ao todo, à totalidade *EXAME*, concretiza uma *formação discursiva* única e, como mídia impressa de temática que diz respeito à esfera de negócios, economia e administração, representa um suporte material do discurso jornalístico.

## 2. Referencial teórico

Este trabalho apóia-se nos fundamentos teóricos desenvolvidos sob a perspectiva da semiótica francesa, iniciada por A. J. Greimas e continuada por autores filiados a ele, especialmente na França e no Brasil. Pauta-se ainda, em desdobramento, pela teoria francesa da Análise do Discurso.

Iniciemos pelo conceito de *formação discursiva*, que

Emprestado, como vimos, da *Arqueologia do saber* de Foucault, este termo define ‘o que pode ser dito e deve ser dito’ (articulado sob a forma de uma alocução, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada” Maingueneau (1977, p. 22).

Maingueneau retoma a conceituação, expondo:

Unidades como o “discurso racista”, “o discurso colonial”, o “discurso patronal”, por exemplo, não podem ser delimitadas por outras fronteiras senão aquelas estabelecidas pelo pesquisador; e elas devem ser especificadas historicamente. Os *corpora* aos quais elas correspondem podem conter um conjunto aberto de tipos e de gêneros do discurso, de campos e de aparelhos, de registros. Podem também, segundo a vontade do pesquisador, misturar *corpus* construídos pela pesquisa (sob a forma de testes, entrevistas, questionários). É para esse tipo de unidade que o termo “formação discursiva”, me parece, pode convir (Maingueneau, 2006, pp. 16-17).

Em *Arqueologia do saber*, buscamos o conceito fundador de Foucault:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (Foucault, 2007, p. 43).

Ao tratar do conceito de *cena de enunciação*, que integra três tipos de cena, a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*, retomaremos Maingueneau, que define:

Em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do co-enunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge (Maingueneau, 2005, p. 77).

Authier-Revuz (cf. 1982, p. 99). discorre sobre a noção de heterogeneidade, distinguindo a heterogeneidade constitutiva da heterogeneidade mostrada. A primeira, que não aparece no fio do discurso, é constituída, inevitavelmente, por meio da presença do *outro*. A segunda revela a presença de outros discursos ou de outras vozes indicadas na superfície do texto. Assim a autora explicita a diferenciação em outra obra:

Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição (Authier-Revuz, 1990, p. 32).

Discini (2003, p. 12) aplica essa noção ao proferir que “a mostrada, marcada ou não-marcada, é provocada” e complementa: “quando dizemos *mostrado*, referimo-nos ao *outro* perceptível no fio discurso e na expressão do texto” (Discini, 2003, p. 223). Para as noções de totalidade e partes da totalidade, encontramos apoio teórico em Greimas (1989, p. 465):

Considerada como integrante da articulação semântica geral da quantidade, a totalidade pode ser tratada seja como uma categoria que se articula, segundo V. Brøndal, nos dois termos contrários que são integral (*totus*) e o universal (*omnis*), seja como subarticulação do primeiro desses termos, que pode ser formulado como o termo complexo que permite apreender a totalidade sob dois aspectos ao mesmo tempo: como grandeza discreta, distinta de tudo aquilo que ela não é (*unus*) e como grandeza inteira, apreendida em sua indivisibilidade (*totus*).

Com especificidades de texto escrito impresso, a revista *EXAME* abriga enunciados na materialidade física (o papel), o que determina o suporte material. No que se refere a essa singularidade, diz Maingueneau (2002, p. 80): “Com a escrita e, sobretudo, com a impressão, o texto explora cada vez mais o fato de *ocupar um certo espaço material*”. Falar em suporte é falar em espacialidade material ocupada pelo texto, é tratar, no caso de *EXAME*, de espaço editorial que enfeixa o projeto gráfico ou a diagramação.

Entende-se por *projeto gráfico* a escolha da diagramação de um meio de comunicação, notadamente dos que têm periodicidade de impressão e, ainda, dos que se servem, como suporte material, do papel, a exemplo dessa *Revista*.

A *diagramação* é a organização espacial de elementos que compõem esse meio de comunicação impresso, ou seja, são os meios segundo os quais se distribuem, no espaço das páginas de uma edição e segundo critérios previamente adotados, os elementos visuais constitutivos do plano da expressão.

No que diz respeito à teoria que rege gêneros textuais, Fiorin (2004, p. 2) diz que “os gêneros são organizações relativamente estáveis caracterizadas por uma temática, uma forma composicional e um estilo. [...] O estilo é o conjunto de marcas lingüísticas exigidas por um gênero”.

O gênero textual *reportagem de capa*, considerado texto sincrético, tal como uma edição de *EXAME*, traz recursos advindos da união da linguagem verbal e visual. Observa-se, portanto, que será contemplado o que propõe a teoria semiótica quanto ao texto sincrético: serão consideradas para estudo as linguagens de manifestação sincretizadas – no caso, a verbal e a visual, num todo de significação.

### **3. Gênero textual *reportagem de capa*: especificidades genéricas e efeitos de sentido**

#### **3.1 Tipos textuais**

O gênero textual *reportagem de capa*, de forma composicional própria, traz elementos textuais recorrentes, tudo convergindo para o texto principal: a *Revista*. O conteúdo desse texto remete ao grau mais alto de importância da *Revista*, por veicular tema merecedor de ter “chamada” já no gênero textual *capa*, este considerado “espelho” da edição: que reflete o mais importante da edição. Assim sendo, a temática das reportagens de capa segue os assuntos eleitos para veicular com prioridade: os de maior importância do mundo corporativo. Por meio do gênero *reportagem de capa*, os temas do campo corporativo respaldam uma cena enunciativa que consolida valores representativos da visão de mundo dada e compartilhada por sujeitos de determinada esfera social: os executivos, homens e mulheres de negócios. A reportagem, na

*Revista*, é um texto híbrido, construído de seqüências textuais que se valem de distintos tipos textuais, com predominância do narrativo. Fiorin (2004, p. 5) esclarece:

Os tipos [textuais] são construções textuais que apresentam determinadas características lingüísticas. São bem poucos os tipos textuais: o narrativo, o descritivo, o expositivo, o opinativo, o argumentativo e o injuntivo.

Um texto expositivo “serve para construir e transmitir um saber sobre um dado tema” (Fiorin, 2004, p. 11). O narrador informa o leitor sobre o universo corporativo e o faz transmitindo conhecimento sobre o tema, já que expõe e analisa fatos e situações. Ao fazê-lo, expressa pontos de vista, ainda que não às claras, quando argumenta.

Notam-se os tipos textuais expositivo e descritivo, que se mesclam neste fragmento da edição 734:

Máquinas, equipamentos e painéis eletrônicos – descendentes diretos do velho *kan-ban* japonês – estão por todos os lados. Mesmo assim, a fábrica da Natura, uma das maiores produtoras de cosméticos do país, é silenciosa, limpa e arejada. Uma potente rede de cabos de fibra óptica percorre toda a construção. Por ela, podem correr desde os comandos para a produção até fitas de cinema. O projeto modular faz com que a capacidade de produção possa ser duplicada em um fim de semana (*EXAME*, 21/02/2001, p. 38).

A seqüência expositiva, que implícita um ponto de vista por meio da explicação dada, sugere a boa qualidade do ambiente de trabalho na Natura, marcada euforicamente no enunciado: “Mesmo assim, a fábrica da Natura, uma das maiores produtoras de cosméticos do país, é silenciosa, limpa e arejada”.

Aliado às seqüências textuais expositivas, que criam o efeito de coisa indubitável, o grande número de discursos citados – o que caracteriza a heterogeneidade mostrada e marcada – contribui, na *Revista*, para o efeito de verossimilhança, porque dá a entender que é o próprio sujeito, o *outro*, que diz exatamente as palavras reportadas. Tratemos, assim, da delegação de vozes nesse gênero textual.

### **3.2 Delegação de vozes: heterogeneidade mostrada e marcada e argumento de autoridade**

Ao tratar da heterogeneidade mostrada e marcada e argumento de autoridade, observa-se que a delegação de voz é recorrente no gênero textual *reportagem de capa*. A doação de vozes é uma das formas de interação entre sujeitos no ato comunicacional. O narrador, que remete ao enunciador, delega a palavra a outro sujeito, instaurando uma terceira instância enunciativa. Temos o que se caracteriza como um *discurso citado no discurso citante* (Maingueneau, 2002, p. 138). O discurso citado, se for discurso direto, “é um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador”, diz Fiorin (2001, p. 72).

Os discursos citados, feitos por meio de marcação aspeada, formam, assim, um terceiro nível da hierarquia enunciativa e operam uma debreagem enunciativa de segundo grau. Nesses discursos, juntamente com o citante, retirados das reportagens, destaca-se o alto grau de iconização verbal dos antropônimos Mendonça de Barros, Marisa Caldas e outros que, com

nome, sobrenome e idade pospostos, aumenta o efeito de realidade e da verdade “transparente”, obedecendo à caracterização do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário desta mídia. Trazemos exemplificações:

“Os projetos devem ter começo, meio e fim”. E quais setores e projetos que devem ser eleitos? “O critério deve ser dinâmico”, diz Mendonça de Barros. “O importante é a geração de conhecimento no país”. Segundo ele, o Brasil já tem um exemplo bem-sucedido nesse sentido: o desenvolvimento da agricultura tropical, conseguido em torno da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) (EXAME, 17/04/2002, p. 44).

No exemplo a seguir, a voz do discurso reportado, citada logo após o título, faz apreciações, expressa pontos de vista em conformidade com o assunto discorrido na reportagem, o que imprime maior consistência discursiva e efeitos de veracidade, fortalecendo a construção da competência do narrador:

[Título]: A fábrica transformada em comunidade

“As pessoas querem sentir que são parte de algo maior. Elas têm necessidade de compartilhar idéias, problemas e objetivos” diz Marisa Caldas, 44 anos, gerente do Espaço Natura desde setembro do ano passado. Marisa é a prefeita da fábrica (EXAME, 21/02/2001, p. 46).

Essas vozes são concordantes e mantêm com a voz citante, do narrador, uma relação de parceria ética, visto pertencerem a sujeitos comprometidos eticamente com uma temática própria, eleitos que são previamente a discursar, a proferir suas falas, “contribuindo, por conseguinte, para o efeito de verdade, tão caro ao discurso jornalístico” (Discini, 2005, p. 121).

Temos, assim, no gênero *reportagem*, a presença da voz marcada do interlocutor, no discurso citado. Essa citação, considerada com o argumento de autoridade, é estratégia argumentativa do enunciador, por ele usada, como manipulador-destinador, para manipular o leitor. O destinatário é levado a crer, propósito, aliás, do discurso jornalístico, pautado pela informação com ideais de certeza e veracidade dos fatos e não pela dúvida. Para Greimas e Courtès (1989, p. 45-46), *certeza*

é a demonstração do termo positivo da categoria modal epistêmica, cuja definição sintática seria o *crer-ser*. Diferentemente da evidência, a certeza pressupõe o exercício do fazer interpretativo, do qual ela é uma das conseqüências possíveis.

À certeza junta-se, nas reportagens, a veridicção. Consideremos, agora, a noção de *veridicção*, segundo os autores supracitados:

Exercido pelo enunciador, o fazer persuasivo só tem uma finalidade: conseguir a adesão do enunciatário, o que está condicionado pelo fazer interpretativo que este exerce, por sua vez: pelo mesmo motivo, a construção do simulacro de verdade, tarefa essencial do enunciador, está igualmente ligada tanto a seu próprio universo axiológico quanto ao do enunciatário e, sobretudo, à representação que o enunciador se faz deste último universo. Compreende-se, então, por que, em condições como essas, o conceito de verdade esteja sendo cada vez mais substituído pelo de eficácia na reflexão epistemológica (Greimas e Courtès, 1989, p. 487).



Citar uma autoridade em sua área de atuação legitima-a como adjuvante e, portanto, “fiador” do ponto de vista enunciado. O *outro* citado, com ares de autoridade, visa a “ajudar” a validar o discurso citante, ou seja, tornar mais verossímil o que se afirma na reportagem. Esses sujeitos são, desse modo, *previamente* eleitos porque são reconhecidos em suas especialidades e habilidades dentro do universo corporativo empresarial, isto é, são selecionados pelas competências e prestígio que tais habilidades lhes conferem. Essas vozes são trazidas, portanto, como reforço do discurso instituído e, por sua vez, detêm o argumento de autoridade no assunto proferido com o mesmo olhar ético proposto pela enunciação. Sobre isso, Discini (2005, p. 336-337) diz que:

O argumento de autoridade:

- . refere-se à citação de pensamentos de autoridades no assunto estudado, para que se confirme o ponto de vista proposto pelo narrador;
- . confirma o *outro* como o adjuvante, do nível narrativo; aquele que colabora para a construção da competência do próprio narrador, no sentido de viabilizar o poder e saber defender um ponto de vista;
- . contribui para o efeito de tom criterioso da voz.

Os ideais de certeza por que se pauta o enunciador da reportagem se consolidam por meio das citações em discurso direto dessas vozes com o argumento de autoridade. Assim, constrói-se o convencimento do enunciatário-leitor na tessitura do texto e do discurso. Para isso serve o argumento de autoridade.

### 3.3 Perguntas retóricas

A plena interação entre sujeitos, enunciador e enunciatário, imagens de sujeitos semióticos sempre pressupostas no discurso, é enfatizada com as perguntas retóricas, observadas ao longo da reportagem. Temos o diálogo encetado entre os sujeitos envolvidos no ato comunicativo, por meio desse gênero textual constituinte. Ao examinar a noção, Discini (2005, p. 340) define *pergunta retórica* como “o meio para a construção da imagem positiva do leitor: aquele que é e sabe que é legítimo participante da cena enunciativa”. Vejamos o fragmento que aparece na reportagem da edição 805.

Macaé está preparada para administrar esse período de crescimento acelerado? O que significa para uma cidade ainda hoje carente de boa infra-estrutura urbana receber investimentos equivalentes a uma segunda Petrobras? “Também a cidade terá de se antecipar à explosão”, diz França. “Não há nenhum exagero nisso. A curva do crescimento é assustadora.” Os investimentos aplicados pela prefeitura local com base nos royalties do petróleo – 194 milhões de reais só no ano passado – estão mudando a feição da cidade (*EXAME*, 12/11/2003, p. 42).

Com as perguntas retóricas, temos o simulacro de diálogo com um narrador que se deixa ver com mais propriedade no texto. O narrador, actante da narrativa, cria um efeito de maior aproximação com o narratário: não diz explicitamente *eu*, mas simula uma enunciação enunciada,

ao dizer *tu*: “*Tu acreditas que Macaé está preparada para administrar esse período de crescimento acelerado?*”.

A pergunta retórica, no segundo nível da hierarquia enunciativa, caracteriza uma debreagem enunciativa de primeiro grau: narrador e narratário, atores instalados no enunciado, fortalecem a enunciação pressuposta. Discini (2005, p. 340) prossegue: “A pergunta retórica: é dirigida pelo narrador ao narratário-leitor; não deseja saber a resposta do leitor, pois a resposta é dada implicitamente no próprio texto.”

Com as perguntas retóricas, o narrador busca interagir com o narratário-leitor, o que confirma o efeito de sentido de subjetividade e proximidade entre os parceiros postos no “diálogo” encetado. Esse narrador faz mais do que “falar”: instiga o narratário-leitor a responder à pergunta feita. Será dispensável responder a ela, já que as respostas estão dadas implicitamente no próprio texto. O efeito de proximidade é ainda mais enfatizado se houver “resposta” à pergunta feita, com voz doada pelo narrador a um interlocutor. Temos, desse modo, um discurso direto aspeado: um discurso citado no citante, como apresentado no fragmento textual recém-citado.

### 3.4 Sincretismo, semi-simbolismo e plasticidade: o vanguardismo explicitado

Com a *reportagem de capa*, temos um gênero que, no plano da expressão, ao sincretizar fotos, gráficos, quadros estatísticos e enunciados verbais, faz crer na verdade do que diz. Temos um modo singular de apropriação do sincretismo: imagens proliferam ao longo das páginas, sem economia do visual diante do verbal. Importa o sincretismo que, relacionado à organização de um texto por meio do amálgama de mais de uma linguagem, notadamente as linguagens verbal e visual, acaba por confirmar valores e aspirações que permeiam discursos.

Haverá relação semi-simbólica quando uma categoria do significante (expressão) se relacionar, por homologação, com outra do significado (conteúdo). Em outras palavras, o sentido será formado por correlações entre as categorias dos dois planos: expressão e conteúdo. Da linguagem semi-simbólica do gênero textual *reportagem de capa*, analisam-se as relações de interdependência de categorias desses planos no movimento próprio à produção de efeitos de sentido, sem perder de vista, portanto, que o sentido se dá pela relação.

Para discorrer sobre o semi-simbolismo, consideramos, especialmente, noções teóricas propostas por Greimas e Floch. Esses semioticistas ensinam que no plano da expressão podem ser reconhecidos formantes figurativos e formantes plásticos. Sobre os *formantes plásticos*, conclui, sinteticamente, Hernandez (2004, p. 47-48):

Trabalhos de Greimas, Floch e Thürlemann dividem os formantes plásticos em três categorias, ligadas à posição, formas e cores:

1 – Categoria topológica – *Topos* vem do grego e que dizer “lugar”. Temos o reconhecimento de um dispositivo que organiza espacialmente um texto por meio das relações:  
de dimensão: grande x pequeno  
de posição: alto x baixo  
de orientação: na frente x atrás



2 – Categoria cromática – está relacionada às cores. Categorias de valor: claro x escuro  
de tonalidade: quente x frio  
de pureza: cor limpa x cor suja  
de luminosidade: brilhante x opaco

3 – Categoria eidética – Vem de *eidōs*, “forma”. Pode-se perceber relações:  
reto x curvo  
angular x arredondado.

Lucia Teixeira faz avançar tais estudos e afirma que “a observação dos objetos plásticos poderá selecionar critérios que considerem, hierarquicamente ou isoladamente, ou ainda conjuntamente, as categorias plásticas cromáticas, eidéticas e topológicas” (1999b, p. 5).

Para tratar do semi-simbolismo, estampamos uma figura que sugere empregados a caminho dos locais de trabalho.



Fig. 2 – p. 42 (*EXAME*, ed. 734, de 21/02/2001)

Nela, o que parece ser um mezanino revela, na categoria topológica, posição *atrás*, vidraças retas, cuja forma relaciona-se à categoria eidética. Com destaque na categoria cromática, pode-se notar que o ambiente é tomado e entrecortado por uma claridade absoluta, muito diferente da construção escura, sombria e enclausurada dos antigos prédios fabris. No quadrante direito, posição topológica *baixo*, vemos o piso cinzento, que reflete luminosidade em contraste com a silhueta dos transeuntes. O ambiente sugere, então, clareza, amplitude e transparência.

Floch (cf. 1993, p. 82-93) discorre sobre a claridade cromática de elementos figurativos e de espaços que, pelo visual, criam efeitos de sentido. A claridade, nos conceitos desse autor, remete a ideais da estética clássica. Importa ressaltar aqui a identidade visual “claridade”, que remete a essa estética, tratada por Floch sob os parâmetros teóricos do semi-simbolismo. Assim se encaminha a figura que representa a arquitetura da fábrica considerada da futuridade: a transparência dos espaços se opõe aos ambientes escuros, fechados, não-transparentes. Ambientes de extensa visibilidade, espaços topologizados como amplos e arejados, continuados e abertos, sugerem circulação coletiva, permitindo interações de sujeitos.

Reproduzimos o texto que ancora três fotos para, em seguida, estampar a figura:

### **Poder no Chão de Fábrica**

O novo modelo de produção coloca em xeque as rígidas estruturas hierárquicas do passado. Executivos como Thomas Schmall (*acima, de terno escuro*), diretor da fábrica Audi/Volkswagen, passam boa parte do tempo nas linhas de montagem. Funcionários da produção, como o soldador Helton Luís de Mello (*à direita*) participam do gerenciamento de suas células de trabalho e desempenham múltiplas tarefas (*EXAME*, 21/02/2001, p. 44).



Fig. 3 – p. 44 (*EXAME*, ed. 734, de 21/02/2001)

Sob o título “Poder no chão de fábrica”, o fragmento textual explicita a idéia do rompimento com o antigo modelo administrativo – baseado no taylorismo –, o que, dessa forma, instaura, na fábrica do futuro, relações mais flexibilizadas e linearizadas entre empregados de distintos níveis da hierarquia piramidal corporativa, num modelo, portanto, *mais horizontalizado e menos verticalizado*, ou seja, sem a rígida estrutura de poder de mando e comando *alto vs. baixo*.

Extraídos do fragmento textual recém-citado, os sintagmas “novo modelo” *versus* “estruturas hierárquicas do passado”, temos, com o primeiro pólo da oposição, aquele que desenha o mundo considerado desejável e em harmonia com o indivíduo empresarial: uma tímica fundamental tende a encaminhar o discurso euforicamente para o que passa a existir (novo modelo) e, disforicamente, para o que tende a desaparecer: os moldes das gestões obsoletas (estruturas hierárquicas do passado).

Depreende-se, pelo verbal e visual, a mobilidade de lugares do trabalhador de mão-de-obra e do empresário ou, ainda, dos funcionários da área administrativa e da área produtiva: todos se encontram, em dados momentos, num mesmo patamar, em homogeneidade, interagindo com mais flexibilidade; nada mais exemplar do que a foto com o executivo de terno preto ajoelhado no chão da fábrica e o enunciado: “funcionários da produção, como o soldador Helton Luís de Mello (*à direita*) participam do gerenciamento de suas células de trabalho e desempenham múltiplas tarefas”.

Estruturas arquitetônicas remetem às relações humanas, que, consideradas transparentes e flexibilizadas, dizem respeito a uma gestão moderna de administração, fincadas no pólo vanguardista, opostas aos velhos moldes, ao conservadorismo.

Como pólo oposto e implícito, temos, desse modo, valores do plano do conteúdo, entendidos como obstrução, fechamento e arbitrariedade nas relações de trabalho entre sujeitos nas fábricas do passado, notadamente as relações dadas como piramidais. Ao tomar como eufórica a gestão empresarial ultramoderna, permanece presente, como pólo oposto, a visão disfórica, voltada às organizações do passado.

Vejamos como se relacionam, semi-simbolicamente, as categorias do plano da expressão (PE) e do plano do conteúdo (PC):

luminosidade vs. escuridão	(PE)
transparência vs. opacidade	(PE)
<hr/>	
tendências modernas vs. tendências ultrapassadas	(PC)
flexibilidade vs. rigidez	(PC)
livre fluxo entre patrões e empregados vs. obstrução	(PC).

No nível discursivo do percurso gerativo de sentido, modelo teórico-metodológico de Greimas, realçam-se, assim, os pólos da oposição *conservadorismo vs. vanguardismo*. *Conservadorismo*: dos antigos prédios fabris e velhos moldes de gestão empresarial (taylorismo); *vanguardismo*: dos modernos prédios e novos moldes de gestão empresarial. Do nível fundamental, considerando o quadrado semiótico, temos o pólo /continuidade/, que se homologa ao *conservadorismo*; o pólo /descontinuidade/, por sua vez, homologa-se ao *vanguardismo*.

Verbal e visual, juntos, engendram efeito de sentido, depreendido como fundamento de valores estabelecidos nas relações entre sujeitos do mundo corporativo. Dizem respeito a valores que se pautam por gestões ideais aquelas dadas como futuristas, porque transparentes, linearizadas e flexibilizadas.

#### 4. Considerações finais

Considerando que a parte remete ao todo e que, por sua vez, remete ao texto integral englobante, a heterogeneidade mostrada e marcada na *reportagem de capa* – gênero textual de função utilitária predominante – contribui para a compactação do corpo do ator da enunciação da totalidade revista *EXAME*: aquele que conta, ao informar e expor, com um público eleito para tecer seu discurso. Os discursos citados no discurso citante mantêm um diálogo contratual, com vozes que se compõem harmoniosamente e completam a unidade temática discursiva concordante: são vozes que se amalgamam em um só discurso.

Com as perguntas retóricas, temos um chamamento intenso ao leitor. Sujeitos, em uma cenografia enunciativa desencadeada textualmente, partilham os mesmos valores e, assim, contribuem para a construção da imagem do ator da enunciação do texto/discurso.

Ao considerar a *reportagem de capa* como texto sincrético e semi-simbólico, depreendemos, especialmente, o semi-simbolismo relacionado à estrutura cromática, plano da expressão. Imagens claras e transparentes da arquitetura industrial, emparelhadas às de

empregados em circulação e interação, aliadas, ainda, à linguagem verbal, ao terem as estruturas dos planos *expressão* e *conteúdo* correlacionadas, engendram sentido, firmam e marcam valores relacionados à futuridade: transparência, flexibilidade e compartilhamento nas relações entre indivíduos, dadas como ideais do universo empresarial.

Ao tomar como eufórica a gestão empresarial ultramoderna, ostentada pelo padrão arquitetônico de visual moderno, com relações *mais* linearizadas de sujeitos, permanece presente, como pólo oposto, a visão disfórica, voltada às organizações e prédios fabris do passado, de modelo *mais* rígido e verticalizado. Vê-se explicitado, desse modo, o vanguardismo no gênero textual *reportagem de capa* de *EXAME*, marca distintiva do terceiro século da industrialização.

## 5. Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 25-42.

\_\_\_\_\_. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, 26. Paris: Centre de Recherches de l'Université de Paris, VIII, 1982, p. 91-151.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. *Gêneros e tipos textuais*, 2004. Cópia xerogr.

FLOCH, Jean-Marie. *Semiótica, marketing y comunicación*. Barcelona: Ed. Paidós Ibérica, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed./2. reimpressão. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2007.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Cultrix, 1989.

HERNANDES, Nilton. *A revista "Veja" e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica*. Salvador/Maceió: EDUFBA/EDUFAL, 2004.

TEIXEIRA, Lucia. *Leitura de textos visuais na escola*. Comunicação apresentada no III Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999b. mimeo.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. *Cenas de Enunciação*. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva et al. Campinas: Criar Edições, 2006.